

# RUMORES SOBRE GÊNERO NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Paula Nunes<sup>1</sup>(PG)\*, Rochele de Quadros Loguércio<sup>2</sup>(PQ)

\*paula.nunes@unilasalle.edu.br

<sup>1</sup> doutoranda do PPGQVS(UFRGS)-NECS/UNILASALLE

<sup>2</sup> UFRGS-NECS-AEQ/PPGQVS

*Palavras-Chave: Educação, Gênero, Escola Básica*

Na área de educação em Ciências o estudo de gênero ainda é incipiente ainda que alguns autores indiquem que é justamente a pretensa neutralidade dessa área de saber que perpetua a desigualdade de gênero presente principalmente nesse campo. Nossa pesquisa, nesse primeiro movimento, busca dar visibilidade para o que pensam, dizem, escrevem os estudantes da oitava série sobre gênero. Olhamos também, a fim de pontuar similitudes, o que as professoras desses estudantes afirmam sobre as características de cada um desses gêneros. Percebemos que as relações, muito embora todo o movimento das pesquisas feministas, seguem dicotomizadas, que os estudantes têm muito claro quem pode fazer, saber, sentir, falar certas coisas, que cada um tem por certo seu lugar na sociedade.

## Introdução

Alguns questionamentos ocupam um lugar estranho nas pesquisas acadêmicas, se por estranho entendermos o que não nos é cotidiano, nítido, o que as vezes parece desnecessário, distante e porque não dizer 'fora do seu lugar'. Esse é o caso dos estudos de gênero nas pesquisas da educação em ciências, onde um ruído ou um silêncio se faz sentir, apesar de inúmeras pesquisas que se avolumam nas prateleiras, periódicos e gavetas virtuais, e em alguns momentos nos dão a sensação de poeira, um cheiro acre de velhos sutiãs queimados. É certo que as pesquisas feministas que mudaram o panorama social nos anos sessenta já não nos servem mais, pelo menos na pesquisa acadêmica, porque não se pode dizer o mesmo das vidas privadas. O que nos serve então? Nossa pesquisa pretende invadir os espaços escolares, os lugares de saber/poder e alguns meandros acadêmicos. Para contar um pouco dos murmúrios sobre o gênero e a sempre reatualizada condição binária dos femininos/masculinos não podíamos nos distanciar de uma maneira foucaultiana de análise, aquela que demanda ouvir nos limites do *ça parle*, ouvir *os atos discursivos sérios* tanto quanto os rumores, os corredores, os *enunciados* que não fazem parte de um discurso oficial, que não estão escritos, mas que de nenhuma forma estão à parte.

Um bom começo nos parece ser evidenciar uma coleta de dados na escola, coleta realizada como uma parte de um projeto maior, como um piloto para a busca de respostas sobre o entendimento de gênero e a formação escolar. Esse questionário preliminar nos trouxe algumas marcações que nos indicam o quanto as questões do *ser feminino/ser masculino* ainda ressoam na escola com murmúrios antigos. Enfim esses murmúrios não nos surpreendem, pois, como destaca Foucault, os enunciados são raros e nos parecem vir desde sempre, compondo discursos e performances, deslocando-se e conformando novos saberes.

Conhecendo algumas respostas dos alunos e identificando hipercriticamente nossas possibilidades de analisar os discursos que nos interpelam e que nos fazem narrar os outros no tempo do nosso pensamento, percebemos um tom *binarista* e dicotômico na escola sobre gênero e que nos veio pelos estudantes, o que nos fez questionar como os professores podem pensar sobre uma única questão: como eu defino feminino e masculino?

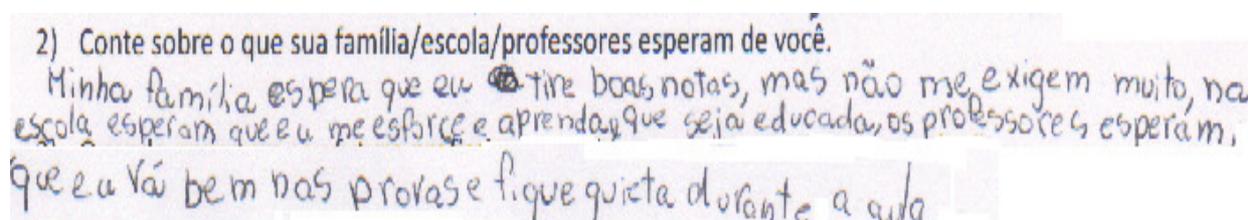
## De quando nem mesmo os enunciados mudam

Pesquisas sobre as relações interpessoais na infância tiveram grande ênfase a partir de 1930, quando cientistas sociais iniciaram estudos sobre grupos de crianças e associação entre características sociais e posição ocupada no grupo. Esse interesse se manteve em alta até 1950 e durante os quinze anos seguintes não foi destacado. Na década de 60 o tema voltou à tona com grande destaque e a partir dos anos 70 as pesquisas se intensificaram, sobretudo no que diz respeito ao papel essencial que possui o relacionamento com colegas ou iguais, no processo de socialização, na competência interpessoal e no ajustamento social em longo prazo (LADD, 1999, apud SAUD; TONELOTTO, 2005, p.48).

Partindo de que a escola, em grande parte nos ensina também o que se espera de cada um de nós na sociedade, nosso objetivo, em princípio, era identificar as percepções dos estudantes de uma turma de oitava série a respeito das marcações de gênero: se eles percebiam, se eram importantes, se marcavam suas vidas.

Na primeira questão de nossa pesquisa, quando perguntados sobre como viam as demais pessoas na escola, os estudantes não sinalizam marcações importantes de gênero, assim, as relações levantadas por eles estão muito mais relacionadas com suas impressões de afeto (gostam/não gostam) e relações professor/estudante e entre colegas. Não se percebe grandes diferenças nas impressões de meninas e meninos que marcam a importância do respeito que existe/deve existir entre todas as pessoas na escola independente das relações hierarquizadas nesse espaço.

Quando a questão é o que pais e familiares esperam deles, também parece ser consenso que independente do gênero o que se espera são indivíduos bem comportados (corpos disciplinados), bons estudantes e que futuramente sejam bem sucedidos.



2) Conte sobre o que sua família/escola/professores esperam de você.  
Minha família espera que eu tire boas notas, mas não me exigem muito, na escola esperam que eu me esforce e aprenda, que seja educada, os professores esperam, que eu vá bem nas provas e fique quieta durante a aula.

Figura 1: resposta dada por um dos sujeitos da pesquisa para o que se espera dele.

A indicação de gênero pode ser identificada na escolha das profissões, mas para que façamos essa marcação teríamos que investigar em entrevistas mais estruturadas e privadas o porquê dessas escolhas. Por exemplo, profissões como as engenharias mecânica, elétrica e aeronáutica, piloto e militar, foram citadas apenas pelos meninos. Já as meninas foram as únicas a escolher magistério, veterinária, psicologia, fotografia e a engenharia química. O que podemos inferir por ora é que as informações de gênero parecem não definir as profissões, já que outras tantas foram citadas por ambos.

Podíamos pensar que medicina, psicologia e a veterinária remetem ao cuidado e, portanto, são profissões as quais as meninas se referem, por exemplo, aquelas que citaram veterinária, associaram essa escolha ao gostar de animais. Por outro lado, os garotos marcadamente se interessam por ganhar bem, isso posto claramente em suas respostas, o que nos remete a um discurso antigo e reatualizado do homem como provedor.

Quanto a esse indicativo da mulher como cuidadora e o homem como provedor trazemos:

No caso das mulheres, existem também fatores culturais que não incentivam — ou desincentivam — o trabalho feminino, dentre eles a velha ideia de que cabe ao homem o papel de provedor da família e à mulher as funções de cuidado. Essa ideia continua tendo uma forte presença e capacidade de propagação, apesar do fato que, no Brasil, 27% das famílias são chefiadas por mulheres, ou seja, em quase 30% das famílias brasileiras as mulheres são as provedoras principais — ou exclusivas. Apesar disso, continua sendo muito forte a ideia de que o papel da mulher é “cuidar” da família e da esfera reprodutiva e, mesmo quando ela trabalha, seu trabalho é secundário ou complementar ao do marido.(ABRAMO, 2004).

3) Quando pensa em seu futuro profissional, qual a sua primeira ideia? Que profissão exerceria e por quê?  
Não tenho ambições específicas, somente quero um trabalho que pague bem.

Figura 2: resposta dada por um dos meninos da turma.

3. Sempre quis ser veterinária, porque gosto de cuidar dos animais.

Figura 3: resposta dada por uma das meninas da turma.

Foi interessante dar-nos conta que nós, enquanto pesquisadoras, tínhamos dificuldades em identificar as marcações de gênero, tanto no que concerne às profissões - pois todas parecem ter diluído essa marcação pela presença massiva das mulheres no mercado de trabalho - quanto ao que define uma vontade de independência financeira. Essa dificuldade, que pode ser explicada pela nossa posição na sociedade, nossas relações pessoais e nosso acesso ao mercado de trabalho em diferentes profissões e, por outro lado, pela tentativa de fugir aos jargões feministas que transformaram a discussão de gênero numa guerra dos sexos – luta necessária, porém datada. Interessa-nos perceber as cotidianidades, as microfísicas das relações que fazem com que meninos e meninas num mundo dado como (pós) moderno destacam, carregam, constituem em seus modos de falar.

No entanto, essas dificuldades não aparecem mais quando se trata das definições de feminino e masculino, para os estudantes não há dúvidas de como devem ser homens e mulheres, mais do que isso, não há dúvida de como são homens e mulheres, quais as características do feminino e do masculino, e na leitura de suas respostas já não houve de nossa parte qualquer dúvida sobre o que eles colocavam com aquelas frases, que marcações estavam presentes. Duas respostas podem ser nossa base para identificar a naturalidade das características de gêneros para esses sujeitos. Quando convidados a responder se seu comportamento tem mais haver com meninos ou meninas essas respostas aparecem :

6) Pense em seu comportamento e explique se ele tem mais a ver com meninos ou meninas  
Tem mais a ver com meninas, porque eu sou uma menina e tenho o comportamento de uma menina.

Figura 4: resposta dada por uma das meninas da turma.

6) Pense em seu comportamento e explique se ele tem mais a ver com meninos ou meninas

Dá mais a ver com meninos, porque sou um.

Figura 5: resposta dada por um dos meninos da turma.

6) Pense em seu comportamento e explique se ele tem mais a ver com meninos ou meninas

Meu comportamento tem mais a ver com meninas pois eu sou como a sociedade espera, dedicada, gentil...

Figura 6: resposta dada por uma das meninas da turma.

Outras respostas dadas pelos estudantes são indicadas abaixo nessa mobilização de enunciados sobre seus comportamentos. A figura 6 põem a mostra inclusive que é claro para essa menina o que se espera dela, que o discurso do qual ela é sujeita mobiliza seu comportamento e o seu ver-se feminina. Ambos os gêneros, portanto, sabem quais as atitudes, papéis, e seu lugar nos espaços discursivos de gênero, quem pode ou não falar, as formas desse falar e as práticas oriundas do nome das coisas. Quando nos dão essas respostas, sem maiores detalhes, nossa leitura é de que é obvio, a todos, quais são as atitudes que se esperam de ambos, sem que maiores explicações tenham que ser dadas, sem que isso precise ser discutido, assim...naturalizado.

Conforme Scott,

Freqüentemente, a ênfase colocada sobre o gênero não é explícita, mas constitui, no entanto, uma dimensão decisiva da organização, da igualdade e desigualdade. As estruturas hierárquicas baseiam-se em compreensões generalizadas da relação pretensamente natural entre o masculino e o feminino.(SCOTT, 1989)

É justamente o não explícito nas relações pretensamente naturais propostas pela autora que nos fazem olhar para isso no âmbito na escola. Buscar por rumores, ruídos que saiam da ordem do discurso do que se diz do masculino e do feminino buscando brechas/possibilidades para outros enunciados sobre o ser, fazer, estar em nossa sociedade.

Comportamentos e enunciados esses trazidos por meninos e meninas, sem qualquer questionamento, qualquer contestação. Há quanto tempo o discurso é esse? Qual o caminho para que outros discursos sejam possíveis? Qual o papel da escola nisso?

Sobre as características atribuídas ao feminino e ao masculino temos as respostas dadas pelos estudantes apresentadas na tabela a seguir.

| <b>MASCULINO</b>                             | <b>FEMININO</b>               |
|--|-------------------------------|
| Bruto  | Atitudes regradas e concretas |
| Bater  | Delicada                      |
| Palavrão                                     | Quieta e calma                |
| Gritos/ berros                               | Vaidosa                       |
| Jogar bola                                   | Bonitinho caprichado          |
| Video game                                   | Organizado                    |
| Rock   | Gosto de coisas de meninas    |
| Tênis  |                               |
| Não ser meigo                                |                               |
| Fazer o que menino faz                       |                               |
| Gosto de coisas que as meninas não gostam    |                               |
| Falam de assuntos de meninos                 |                               |
| “Mais a ver com meninos, pois sou um menino” |                               |

**Tabela 1: características femininas e masculinas sob a perspectiva de estudantes da 8ª série.**

Novamente trazemos Scott:

Se as significações de gênero e de poder se constroem reciprocamente, como é que as coisas mudam? (...) Se tratamos da oposição entre masculino e feminino como sendo mais problemática do que conhecida, como alguma coisa que é definida e constantemente construída num contexto concreto, temos então que perguntar não só o que é que está em jogo nas proclamações ou nos debates que invocam o gênero para justificar ou explicar suas posições, mas também como percepções implícitas de gênero são invocadas ou reativadas. (SCOTT, 1989, p. 27 e 28).

Todos esses questionamentos nos levaram a perguntar também o que pensam os professores desses adolescentes. Afinal, se o discurso for o mesmo para todos há alguma possibilidade de outro olhar, de isso, de alguma forma, ser questionado?

Às professoras dessa turma sugerimos somente uma questão: Cite pelo menos quatro características femininas e quatro masculinas e as respostas obtidas foram agrupadas na tabela a seguir:

| <b>FEMINAS</b>      | <b>MASCULINAS</b>                |
|---------------------|----------------------------------|
| Vaidosa             | Despreocupado                    |
| Sensível            | Humor elevado                    |
| Preocupada          | Forte                            |
| Organizada          | Desorganizado                    |
| Charme              | Autoritário                      |
| Detalhista          | Másculo                          |
| Perfeccionista      | Grosso                           |
| Paciência           | Insensível                       |
| Tolerância          | Coragem                          |
| Ternura             | Determinação                     |
| Calma               | Garra                            |
| Pensamento abstrato | Companheirismo                   |
| Censo maternal      | Raciocínio lógico                |
| Independência       | Reflexos defensivos e agressivos |

|             |   |
|-------------|---|
| Delicadeza  | Fala áspera   |
| Maquiagem   | Caminhar brusco   |
| Ser falante | O assunto é sempre futebol                                |
|             | Percepção espacial  |
|             | Dificuldade de realizar mais de uma tarefa ao mesmo tempo |

Uma das professoras, após responder sobre as características de cada gênero coloca uma observação: “Acho que depende das pessoas, as características independem do sexo”. Mas em sendo esse o pensamento porque ainda assim as respostas estão ali? Por que não colocou essa única frase como única resposta?

Outro item no questionário aplicado à turma de estudantes nos leva a questionamentos. Quando perguntados se gostariam de ser outra pessoa, de outro sexo, caso isso fosse possível, apenas uma das garotas afirma que sim e sua justificativa é de que as mulheres sofrem mais. Novamente uma entrevista mais detalhada poderia nos fazer compreender a que sofrimento ela se refere, se de ordem psicológica, social e/ou física. Apesar de a grande maioria dos estudantes indicarem que não gostariam de ser de outro sexo/gênero, tanto eles quanto elas abordam, ainda que sem maiores detalhes (novamente com alguma naturalidade) que há algo de ruim, difícil em ser mulher.

Figura 6: resposta dada por uma das meninas da turma.

Figura 7: resposta dada por uma das meninas da turma.

Figura 8: resposta dada por um dos meninos da turma.

Figura 9: resposta dada por uma das meninas da turma.

Sobre essa última resposta propomos e nos fazemos um questionamento que é o mesmo proposto por Filho:

A pergunta que deve ser feita, então, é porque a classificação do gênero comporta sempre uma hierarquia, ou seja, “que razões há que expliquem a constante estrutural de assimetria na montagem das relações entre os gêneros”. Não apenas entender o que faz com que homens e mulheres sejam vistos como essencialmente diferentes, mas porque esta

diferença constitui uma hierarquização onde o masculino se impõe como superior ao feminino. (FILHO, 2005).

Quando esta menina indica que é preciso um movimento para provar do que as mulheres são capazes o que fica evidente é que isso ainda não está determinado. Por mais que tenhamos mulheres ocupando diferentes posições na sociedade e no mundo do trabalho, normalmente agregando a isso uma jornada de trabalho em casa, ainda é preciso provar do que as mulheres são capazes. Fica a dúvida: a quem precisamos provar? Quem nos cobra isso? A quem devemos satisfações?

### **Considerações Gerais**

Como já proposto anteriormente o presente trabalho é parte de um projeto maior. Nosso movimento foi no sentido de fazer falar (escrever) estudantes de ensino fundamental, prestes a ir para o Ensino Médio, para compreender se as relações de gênero são percebidas em seu cotidiano, que efeitos produzem.

Nesse olhar percebemos que a relação entre os gêneros segue dicotomizada e naturalizada. Meninos e meninas sabem o que se espera deles, ao longo de suas vidas, inclusive escolares, foram ensinados a serem masculinos e femininos e narram em suas práticas discursivas a naturalidade dos comportamentos de cada um, o que cada um pode falar, fazer, sentir e isso não é diferentes do que se observa nas respostas dadas pelas professoras.

#### **Segundo Moreno:**

Com a intenção de oferecer o melhor para seus alunos, as professoras e os professores mais experientes, para evitar discriminações, apresentam um modelo único para alunos e alunas, que é o mais valorizado socialmente, ou seja, o masculino, eliminando radicalmente, ao fazer isso, o modelo feminino. (MORENO, 1999, p.68)

Alguns poucos ruídos nas leituras que fizemos apareceram, a indicação de um menino que diz acreditar que seu comportamento é mais feminino, pois o grupo de pessoas de quem é mais próximo são meninas, a professora que mesmo posteriormente afirma que as características variam de pessoa para pessoa e não de gênero para gênero e mesmo o fato de responder a essas questões tendo que pensar um pouco sobre o assunto – quase sempre ignorado no espaço da escola - podem ser um pequeno balançar nessas certezas tão firmes de que o comportamento de cada um dos gêneros é essencial, determinado biologicamente. Ainda assim, os dados por nós levantados indicam a necessidade de problematizar gênero na escola, desestabilizar algumas dessas crenças a fim de semear outros discursos possíveis sobre o ser mulher e o ser homem em uma sociedade cada vez mais transformada, cada vez mais (pós) moderna.

### **Referências Bibliográficas**

ABRAMO, L. Perspectiva de gênero e raça nas políticas públicas. **IPEA: Boletim Mercado de Trabalho**, n. 25, p.17- 21, nov 2004. Disponível em: [http://www.ipea.gov.br/pub/bcmt/mt\\_25e.pdf](http://www.ipea.gov.br/pub/bcmt/mt_25e.pdf)  
Acessado em: 08 de abril de 2012.

FILHO, A.T. Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam. **Cadernos pagu**, n. 24, p.127-152, janeiro-junho de 2005.

MORENO, Montserrat. **Como se ensina a ser menina: o sexismo na escola**. São Paulo: Moderna; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1999. 80p.

SAUD, Laura Fogaça; TONELOTTO, Josiane M. de Freitas. Comportamento social na escola: diferenças entre gênero e séries. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 9, n. 1, p 47-57, 2005.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica**. Tradução de Christine Rufino Dabat; Maria Betânia Ávila. Texto original: Joan Scott – Gender: a useful category of historical analyses. Gender and the politics of history. New York, Columbia University Press. 1989. Disponível em: [http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/6393/mod\\_resource/content/1/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf](http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/6393/mod_resource/content/1/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf). Acessado em: 08 de abril de 2012.